



PRÓ-SABER



**DE SONHO E
RESISTÊNCIA**

INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO PRÓ-SABER

FLORENITA ALVES DE ARAÚJO

ADAPTAÇÃO, ACOLHIMENTO E VÍNCULO

Rio de Janeiro

2017

FLORENITA ALVES DE ARAÚJO

ADAPTAÇÃO ACOLHIMENTO E VÍNCULO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Normal Superior, com habilitação em Magistério da Educação Infantil.

Orientador: Prof. Esp. Beatriz Ferreira Moreira

Rio de Janeiro

2017

Ar15a	<p>Araújo, Florenita Alves de</p> <p>Adaptação acolhimento e vínculo / Florenita Alves de Araújo.– Rio de Janeiro: ISEPS, 2017.– 29 fl.</p> <p>Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber, 2017. Requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Normal Superior, com habilitação em Magistério da Educação Infantil.</p> <p>Orientador: Profa. Esp. Beatriz Ferreira Moreira</p> <p>1. Educação infantil. 2. Adaptação. 3. Acolhimento. 4. Vínculo. I.Título. II. Orientador. III. ISEPS. IV. Instituto Superior de Educação Pró-Saber.</p> <p style="text-align: right;">CDD 372</p>
-------	---

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do Pró-Saber

LICENÇAS

Autorizo a publicação desse trabalho na página da Biblioteca do Instituto Superior de Educação Pró-Saber ou em qualquer meio que julgue adequado, tornando lícita sua cópia total ou parcial somente para fins de estudo e/ou pesquisa.

Essa obra está licenciada sob uma Licença **Creative Commons**, maiores informações <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/3.0/>.

Rio de Janeiro, digite a data.

FLORENITA ALVES DE ARAÚJO

Primeiramente, às crianças que acompanho, pois foi através delas que pude me debruçar sobre o processo de inserção à creche e ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber - ISEPS, por fomentar em mim a curiosidade e o aprofundamento dos meus conhecimentos acerca do tema.

AGRADECIMENTOS

A uma força maior que me encorajou, fazendo com que eu não desistisse e não me acovardasse por conta das dificuldades encontradas no percurso e fazendo com que eu seguisse firme nos meus objetivos.

À minha orientadora, Beatriz Ferreira Moreira, pelo suporte, pelas suas correções, paciência e incentivo nos momentos de insegurança.

Ao corpo docente do ISEPS, pela dedicação dispensada a mim sempre acreditando no meu potencial e me proporcionando aprendizados que me alicerçarão por toda a minha vida, seja em minha prática como na vida pessoal, juntamente com a direção e administração, ajudando no que fosse necessário.

À turma 2015, que teve participação fundamental durante todo o processo de aprendizagem, construindo as aulas e ampliando os saberes de forma geral.

Não posso esquecer as observadoras Priscila, Joana, Heloise, Patrícia e Katarina (apesar de permanecer pouco tempo nos observando, deixou sua marca) que, com seus olhares apurados, também muito contribuíram para nosso aprendizado.

Aos meus filhos, Vítor e Vinícius, que entenderam a minha falta, quando eu precisava me ausentar por conta dos estudos, sendo compreensivos e solícitos comigo e me ajudando no que fosse preciso.

Ao meu companheiro, Flávio Batista, meu principal incentivador, me ajudando nos momentos difíceis e relevando os momentos de estresse e fadiga com muita paciência.

Às minhas irmãs Fátima, Fabiana e Flaviana que, nos momentos de minha ausência dedicados ao estudo superior, sempre entenderam que o futuro é feito a partir da constante dedicação no presente!

A minha mãe Maria, que me abençoava na hora de partir para a faculdade, preocupada com a violência, mas sempre incentivando o meu crescimento profissional e pessoal.

Agradeço a essas pessoas que estiveram ao meu lado, incentivando e compreendendo os momentos em que não pude estar presente por conta do estudo, durante esses três anos e neste momento da monografia.

A todos que, direta ou indiretamente, fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado!

“O que se opõe ao descuido e ao descaso é o cuidado.
Cuidar é mais que um ato; é uma atitude. Portanto,
abrange mais que um momento de atenção. Representa
uma atitude de ocupação, preocupação, de
responsabilização e de envolvimento afetivo com o outro”.

Leonardo Boff

RESUMO

Este trabalho apresenta uma pesquisa baseada em observações realizadas na turma de berçário II, na Creche Chácara do Céu e registradas em caderno de campo, durante este ano de 2017. Apresenta diferentes situações vivenciadas e relacionadas aos processos de adaptação, acolhimento e vínculo. Alicerçada em Margaret Mahler e Madalena Freire, foi possível compreender melhor os comportamentos diferenciados das crianças, dos pais e dos educadores nesses momentos. Após analisar cada caso, ficou evidente que, se o objetivo for tornar esse processo menos traumático, todos precisam ser adaptados, acolhidos e vinculados uns aos outros, regularmente, e não apenas no momento de entrada da criança na instituição.

Palavras-Chave: Adaptação. Acolhimento. Vínculo.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1 ADAPTAÇÃO NA CRECHE	12
1.1 Quem são os envolvidos?	12
1.2 Conversando com Margaret Mahler	13
2 A CRECHE: QUE ESPACO É ESSE?	17
2.1 A criança e a creche	18
2.2 Acolhendo os responsáveis	19
2.3 Estabelecendo o vínculo (Depoimento de Paola Bernardo)	20
2.4 Desafios de transição	23
3 AÇÕES FACILITADORAS DO ACOLHIMENTO	24
3.1 Mecanismos para amenizar o desconforto da adaptação	24
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
REFERÊNCIAS	28

INTRODUÇÃO

Contar as experiências vividas, narrando fatos que ficaram marcados em minha memória e retomar os registros que fiz no dia a dia da instituição onde trabalho, tudo isso foi de extrema importância e permitiu rever impressões sobre minha prática.

Desde o momento em que fomos concebidos, já estabelecemos uma ligação simbiótica com nossa mãe. Durante a gestação, é criado o vínculo e a partir daí, os relacionamentos são transformados, passando por fases de desenvolvimento que fazem com que os seres se modifiquem conforme a sua interação com o meio, com as outras pessoas e com os objetos que os cercam. Através desses relacionamentos, adquire-se a confiança do outro, fazendo com que os laços afetivos se tornem cada vez mais estreitos. Diante da complexidade do ser humano, o vínculo é criado a partir das ações, num encadeamento de situações que levam o indivíduo a envolver-se, cada vez mais, com quem lhe passa confiança, adaptando-se mais e melhor a qualquer ambiente que lhe acolha.

A criança, quando ingressa na creche, enfrenta uma série de desafios que lhe são impostos, como a ausência da mãe, que é a sua referência de mundo no espaço privado, gerando muita angústia, desolamento e ansiedade. Porém, aos poucos, ela vai assimilando a realidade, criando novos esquemas, aceitando o novo espaço como parte de sua realidade, entregando-se às novas descobertas e, sobretudo, fortificando o relacionamento com as pessoas a seu redor, no espaço público. Cabe à instituição, transformar esse período em acolhimento, não só da criança como também de sua família, que precisa se adaptar à realidade da inserção da criança na creche.

O educador, nesse contexto, tem como missão promover os desafios e integrar as crianças nos processos de crescimento, levando-a a vencer os obstáculos para se aproximar cada vez mais dos agentes transformadores que são as crianças, a família, a instituição e o próprio educador. É através da observação que este poderá verificar se seus objetivos estão sendo alcançados e se a construção da autonomia está satisfatória, de acordo com o grau de maturação, despertando a individualidade de cada um. Neste trabalho utilizei nomes fictícios com a intenção de preservar a identidade dos envolvidos.

Para apurar o olhar pesquisador para a elaboração da monografia, o que aprendi durante o curso foi fundamental. Durante esses três anos de formação no

Instituto Superior de Educação Pró Saber, pude conhecer as ferramentas propostas pela professora Madalena Freire (2008), chamados de instrumentos metodológicos: a observação, o registro e a reflexão para a formação do professor pesquisador, partindo-se do princípio de que o professor precisa se orientar sobre si mesmo, sobre como está desenvolvendo seu ensinar e sobre o desenvolvimento das crianças.

A observação é parte fundamental nesse processo, porque, a partir dela, posso fazer os registros que me ajudem a encontrar respostas referentes ao desenvolvimento da criança e voltar o olhar para minha prática, analisando e avaliando o meu ensinar, investigando onde posso melhorar ou intervir em determinado aspecto.

O registro das observações possibilita fazer associações que levam ao aprofundamento de um tema, fazendo com que o pensamento se alargue, ampliando os conhecimentos. Assim como a avaliação, a observação e o registro, o planejamento me faz pensar em como poderei organizar as anotações e todo o material de pesquisa recolhido, durante os estudos, dando-lhes um sentido para a realização da minha pesquisa. Para complementar a investigação, busquei saber mais sobre o sentimento dos pais nesse momento de inserção de seus filhos na creche e, para isso, recolhi um depoimento de uma mãe.

Antes, durante e depois, os instrumentos metodológicos passam a fazer parte de nossa vida, nos mais diferentes contextos da nossa existência. Nesse sentido, a ação de olhar é um ato de estudar a si próprio e ao outro, a realidade e o grupo à luz da teoria que nos inspira, pois sempre “só vejo o que sei”. Na ação de se perguntar o que vemos é que rompemos com as insuficiências desse saber, e assim, podemos voltar a teoria para ampliar o nosso pensamento e o nosso olhar (FREIRE, 2008, p. 46).

Quando comecei a trabalhar em uma creche, com a educação infantil, achei que a adaptação seria um período tranquilo e que não haveria dificuldades para as crianças e os adultos se adaptarem. Hoje, com outro olhar, percebo que esse período parece que nunca vai terminar e exige de todos os envolvidos um empenho fora do normal.

Ao pensar em escrever sobre o tema escolhido para a monografia (adaptação, acolhimento e vínculo), pensei em tratar de minha atuação, em sala, com as crianças e as dificuldades desse momento. Sei por experiência própria como é difícil, pois vivi na pele. Desse modo, me coloco no lugar dos pais, agora no papel

de educadora. Mas, entendo que a parte mais difícil seja a da criança que, em sua inocência, não pode dizer, “eu não quero ficar aqui”.

Então, me propus a tentar entender o quão doloroso é essa tal de adaptação que mexe conosco, misturando os sentimentos e nos fazendo recorrer ao choro e, posteriormente, às descobertas.

Compreendo que a instituição também tem o seu papel substancialmente importante ao criar espaços e condições favoráveis para esta passagem, levando em consideração os conhecimentos e as bagagens culturais de cada indivíduo, reconhecendo-os e respeitando-os em sua individualidade, religiosidade, cultura, etnia, entre outros. Diz o documento das Diretrizes Curriculares Nacionais Específicas para a Educação Básica:

O profissional que atua nas instituições de Educação Infantil deve reconhecer e acolher as necessidades manifestas pelas crianças, entendendo o acolhimento a essas necessidades, por um lado, como condição de pleno exercício de cidadania pelas crianças e, por outro, como requisito para o pleno exercício de suas funções de educador. Para isso, deve dispor de um instrumental teórico prático que lhe permita, dentre outras funções: promover situações de interação entre as crianças e entre elas e os adultos; organizar espaços acolhedores, que possibilitem à criança a exploração de elementos da natureza e da cultura, que atendam às suas necessidades de conforto e aconchego, de expansão e expressão; organizar rotinas que permitam a conquista progressiva, pela criança, da capacidade de se organizar e ao ambiente no qual está inserida (BRASIL, 2009, p. 31).

Os responsáveis também são parte importante, pois precisam ser acolhidos e respeitados para que atuem de forma conjunta com a creche e para que entendam as necessidades de seus filhos, deixando claro para eles que sua participação é fundamental no processo de educação.

1 A ADAPTAÇÃO NA CRECHE

Com a inserção na creche, a adaptação é o período que a criança participa de sua primeira experiência educacional. Até então, sua confiança está centrada nas pessoas de seu convívio no ambiente privado: sua mãe, pai, irmãos, etc.

1.1 Quem são os envolvidos?

Ao iniciar sua trajetória na educação infantil, ela passa a conviver com pessoas e situações desafiadoras a todo o tempo, que testam seus limites e competências para que seu aprendizado aconteça. Ela se relaciona com o outro social e emocionalmente. Nesta fase de adaptação, a sua individualidade, autonomia, dependência, tolerância à frustração, são vividos através do convívio com as outras crianças e tendo o professor como parte fundamental, agindo como coadjuvante neste processo. Como preconizam as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil - DCNEI:

Uma Educação Infantil que garanta a cidadania às crianças requer propostas pedagógicas que as reconheçam como sujeitos que se expressam sobre o mundo de forma peculiar: na interação com os elementos da natureza e da cultura, com outras crianças e adultos a criança inventa, recria a cultura. Requer também garantia de bem-estar e segurança às crianças e de cuidado enquanto prática relacional, que envolve atenção, acolhimento e responsabilidade diante das necessidades infantis (BRASIL, 1996, p. 31)

Para que este processo seja contínuo, é importante que haja confiança entre as partes: responsáveis, criança e educador. A construção do vínculo precisa ser proporcionada consecutivamente para potencializar seu aprendizado e desenvolvimento.

1.2 Conversando com Margaret Mahler

Iniciei a minha pesquisa embasada nos estudos de Margaret Mahler que fiz durante o curso. Essa autora me ajudou a fundamentar as diferentes situações vivenciadas em minha prática diária com as crianças da Educação Infantil e o envolvimento das famílias, no que diz respeito ao processo de adaptação, acolhimento e vínculo.

Margaret Mahler¹ iniciou-se na psicanálise de crianças depois de ter participado de um seminário com Anna Freud, filha de Sigmund Freud, médico e criador da psicanálise. Em 1949, publicou várias obras sobre as psicoses e o autismo. Em 1950, criou, com Manoel Furer, um centro de acolhimento e investigação sobre os processos de separação e individuação no Master Children Center - um centro terapêutico para o tratamento das psicoses das crianças. Mahler faleceu em 1985.

Em sua obra sobre o nascimento psicológico da criança, além de construir a teoria do desenvolvimento psicológico das crianças, nas relações interpessoais, também possibilitou compreender, de forma significativa, as problemáticas de relacionamento entre mãe e bebê. Ela fixa seu trabalho na noção de relação.

Criou uma concepção sobre a separação e a individuação, definindo-as como um processo intrapsíquico, mas também interpsíquico, que acontece entre o quarto mês e os três anos, embora alguns considerem que as fases de desenvolvimento das crianças estejam mais voltadas para a psicologia do ego do que para a psicanálise propriamente dita.

Para Mahler (1986), o nascimento psicológico não coincide com o nascimento biológico do indivíduo. Ou seja, o parto é um acontecimento apenas físico e, neste momento, há uma separação biológica. Já o nascimento psicológico acontece por volta dos três anos, através das interações, principalmente, com a pessoa que tem uma ligação direta com ela, seja a mãe ou outra pessoa que cuida dela de um modo contínuo e adequado para suprir suas necessidades básicas de alimentação, higiene e afeto.

A relação mãe/bebê, fora do útero, começa através da mãe. É ela quem insere a criança no mundo, tirando-a do seu autismo normal. Neste momento, acontecem dois estágios muito importantes: 1) o narcisismo primário absoluto, marcado

¹ Mahler, Margaret- disponível em: enciclopédia de psicologia <http://www.old.knoow.net/ciencsocioishuman/psicologia/mahler-margaret.htm>> acesso em: 01 de out. 2017.

pela falta de consciência do agente materno, ou seja, o autismo normal; 2) o narcisismo primário (no início da fase simbiótica), que caracteriza-se pela consciência turva de que a satisfação de necessidade não provém da própria pessoa, mas de um lugar externo ao eu (MAHLER, 1986, p. 60).

- As principais aquisições psicológicas do bebê acontecem entre o quarto ou quinto mês de vida e vai até os três anos. Tem como consequência a aquisição de autonomia na presença da mãe e com relação à sua disponibilidade emocional. Para Mahler as fases desse desenvolvimento são as seguintes:
- O autismo normal: é a fase entre o nascimento e a quarta semana de vida. Os fenômenos biológicos predominam sobre os psicológicos, onde a criança parece estar num estado de sonolência, só fazendo a manutenção de seu aparelho fisiológico, interagindo através do tato, olfato e paladar. É essa receptividade transitória ao estímulo externo que responde à continuidade entre a fase autística normal e as outras fases que se seguem.
- A simbiose normal: é a fase em que a necessidade que a criança tem da mãe é absoluta, enquanto a da mãe em relação ao bebê é relativa. Nessa fase o contato visual mãe/bebê é importante, principalmente, na hora da amamentação ou na hora de dar a mamadeira. O contato com a voz da mãe, conversando ou cantando, é muito importante para o bebê, assim como o rosto da mãe é o primeiro objeto significativo de percepção da criança.

Próximo aos seis meses, o bebê já permanece mais tempo acordado. Inicia-se o processo pelo qual a criança começa a perceber tudo a sua volta, assim como as pessoas, suas características físicas, se afastando, quando quer perceber melhor o rosto da mãe, ou seja, seus próprios limites corporais. O que possibilita esse processo é o início de uma tentativa de separação - individuação que, segundo Mahler (1986), é um impulso inato estando ligada ao nascimento psicológico (p. 74).

A exploração tátil possibilitará mais tarde o desenvolvimento das funções cognitivas para comparar o que lhe é familiar ou não. O deslocamento corporal indica que o bebê iniciou o processo de diferenciação corporal e psicológico, visto que, diante de estranhos tem a curiosidade com relação a estes somente em

proximidade com a mãe, que deverá construir a confiança para a exploração do outro. Esse movimento se dá, segundo a autora, em subfases:

- Subfase de Treinamento subdivide-se em duas fases: na primeira, entre os nove e doze meses, a criança já consegue se locomover, engatinhando ou se arrastando para longe da mãe, mas sem perdê-la de vista, voltando quando quer reestabelecer o contato visual e auditivo. Na segunda, dos doze aos dezoito meses, a criança já anda distâncias cada vez maiores em relação à mãe. Porém, não a perde de vista, havendo uma queda nas atividades da criança nesta subfase, quando longe da mãe: ela torna-se mais vagarosa nos seus gestos e movimentos, seu interesse no mundo externo diminui e ela parece concentrar internamente sua própria atenção ocupada em “imaginar” a mãe.
- Subfase de consolidação da constância do objeto emocional é fundamental para que a criança perpassasse por esse período. Quanto menos emocionalmente disponível for a mãe, nesta fase de reaproximação, mais rápido a criança atingirá sua individualidade, pois, no terceiro ano de vida, a criança já tem a imagem da mãe internalizada. No curso das subfases de separação e individuação, este alívio da tensão de necessidade é gradualmente atribuído ao objeto total, que satisfaz necessidades (a mãe), e então é transferido, através da internalização, para a representação intrapsíquica da mãe. Assim, a separação temporária pode ser estendida e melhor tolerada.

Quando a criança atinge a fase da individuação, significa que ela atingiu a sua singularidade e homogeneidade, tornando-se um ser único. Vale ressaltar que o suporte materno suficientemente bom e as experiências vitais, sem traumas fisiológicos, são essenciais para que a criança alcance um desenvolvimento psíquico saudável.

Quando a criança, através da maturação de seu aparato locomotor, começa a se aventurar para longe da mãe, é comum que ela fique tão absorta em suas próprias atividades que se esqueça da presença da mãe por longos períodos de tempo. Periodicamente, no entanto, ela retorna à mãe, parecendo necessitar, de tempos em tempos, de sua proximidade física, é durante essa subfase de separação-individuação que todos os bebês dão seus primeiros passos hesitantes em direção à libertação, num sentido corporal, de sua, até então, completamente passiva condição de bebê de colo o estágio de unidade dual com a mãe (MAHLER, 1986, p. 75).

Isto deixa bastante claro o quanto o desempenho materno insuficiente pode prejudicar a passagem por essas etapas, já que o bebê humano precisa do suporte materno suficientemente bom, no início de sua vida, para alcançar sua sobrevivência física e psíquica.

- Subfase de reaproximação: quando a criança começa a andar, já tem a representação mental, jogo simbólico e a fala, é um sinal de que já é o prenúncio do nascimento simbólico. A consciência de desligamento físico na criança aumenta. Ocorre a diminuição sensível de sua tolerância à frustração e um aumento de sua ansiedade de separação: medo da perda de seu objeto afetivo que é a mãe, apesar de haver uma busca, procura-se evitar o contato corporal com a mãe. Nesta fase, a criança descobre que não é tão poderosa, lutando para preservar sua autonomia, ao mesmo tempo que deseja a mãe por perto. Esta ambivalência é característica desta subfase.

No próximo capítulo, trago situações vividas na creche onde trabalho e busco analisá-las com base no que foi apresentado até o momento.

2 A CRECHE: QUE ESPACO É ESSE?

Atualmente, trabalho na instituição Creche Chácara do Céu, situada no alto do morro do Borel, na Estrada da Independência, s/n, na Tijuca, zona norte Rio de Janeiro. Atende hoje a 60 crianças, com faixa etária de 1 à 3 anos e 11 meses de idade, que residem na comunidade, subdivididas em três turmas. O corpo docente é formado por uma diretora geral, uma coordenadora pedagógica, nove educadoras, duas cozinheiras, uma auxiliar de serviços gerais e um motorista. Oferece atendimento em período integral, das 07 às 17horas, de segunda a sexta feira.

Fundada em 1983, a creche surgiu a partir de uma necessidade das mães da comunidade de trabalharem e não terem com quem deixar seus filhos. É mantida através de doações e convênio com a Prefeitura do Município Rio de Janeiro, subordinada a 2ª Corregedoria Regional de Educação - CRE. É uma instituição privada, sem fins lucrativos, tendo como fundador o senhor Olinto, em parceria com a Fundação Marcelo Cândia (Itália).

O foco principal da Creche Chácara do Céu é a criança. A prática pedagógica está centrada nos princípios epistemológicos formulados por Madalena Freire e Vigotsky, além de outros teóricos como Wallon, Paulo Freire e Tizuko Kishimoto.

Ingressei na Creche Chácara do Céu em 01 de abril de 2013 e hoje atuo com mais duas educadoras, na turma de Berçário II, com crianças de 2 anos de idade, todas residentes da localidade.

Percebo que, como as crianças estão se desenvolvendo bem em sua autonomia, o desfralde está bem avançado, tendo mais de 70% da turma sem usar fraldas e adquirindo autonomia. Todas já verbalizam, com exceção de duas, que ainda balbuciam. A coordenação motora ampla está se desenvolvendo, pois elas conseguem lançar objetos e uma maioria já consegue pular com os dois pés, subir e descer com autonomia. A coordenação motora fina está em desenvolvimento constante. Seguem conseguindo se alimentar sozinhos e os maiores, com dois anos completos, já se vestem sem ajuda. Observo, na turma, que algumas crianças ainda têm dificuldade de partilhar com os amigos. Estamos inserindo atividades neste sentido, trabalhando com elas o egocentrismo, ainda muito presente. No geral, o desenvolvimento está sendo de acordo com o esperado e dentro das possibilidades de cada um.

O planejamento das atividades é feito em grupo por três educadoras juntas, pois não existe uma distinção de funções. Todas planejam e desenvolvem atividades

que visam o desenvolvimento das crianças. Um dos avanços é o desfralde e outro é em relação aos pais das crianças, que se fazem sempre presentes, tentando nos ajudar sempre que solicitados. As dificuldades são muitas, como em qualquer creche comunitária, e, muitas vezes, não basta ter criatividade. Meios para que se consiga realizar o planejamento de forma satisfatória e com atividades que tenham algum significado para a criança são necessários e nem sempre disponíveis.

2.1 A criança e a creche

Tenho observado, como educadora, que muitas crianças ao chegarem na creche pela primeira vez, não demonstram qualquer insatisfação por estarem em um lugar diferente, com pessoas estranhas e com crianças que nunca viram. Querem logo explorar os espaços, os brinquedos e conhecer os colegas. No dia seguinte, passado o deslumbramento com o novo ambiente, parece que cai na realidade e o jeito é deixar a lágrima e o choro ganharem o espaço da desconfiança e do estranhamento.

Mahler (1977) diz que o impulso de separar-se da mãe, ainda que angustiante, seria necessário para a criança que, em pleno desenvolvimento de suas potencialidades locomotoras, testaria sua capacidade de se manter longe da mãe. Primeiro engatinhando e depois andando, ela iria para longe e retornaria, quando sentisse a necessidade de ter a figura da mãe real à vista. A autora denomina essa atividade de “treinamento e reaproximação” e aponta que ela só finaliza, quando a criança sente-se segura de que a mãe continua existindo, mesmo que ela não possa vê-la e se torna capaz de permanecer algum tempo sem a sua presença.

Há crianças que, rapidamente, se adaptam à rotina da creche, sem problemas quanto a saída dos pais. Em contrapartida, outras precisam de um tempo maior para se sentirem acolhidas e criarem vínculo com as educadoras, com os colegas e com o espaço da creche, que será explorado mais adiante. Esse tempo deve ser respeitado, sem pressa, para que, aos poucos, ela vá se adaptando também à rotina da instituição. Mahler diz que,

quando a criança, através da maturação de seu aparato locomotor, começa a se aventurar para longe da mãe, é comum que ela fique tão absorta em suas próprias atividades que se esqueça da presença da mãe por longos períodos de tempo. Periodicamente, no entanto, ela retorna a mãe, parecendo necessitar, de tempos em tempos, de sua proximidade física (MAHLER, 1986, p. 91).

Percebo que a criança, quando chega à creche, se encontra fragilizada e confusa com o ambiente, as pessoas. O seu relacionamento com outras crianças ainda é restrito. Passando a ter as primeiras noções de convivência em grupo, com a mesma faixa etária, aprende a brincar, construir vínculos e socializar, compartilhando conhecimentos e assimilando outros, pois, na interação e na observação, ela amplia e troca seu repertório de brincadeiras. De acordo com uma publicação do MEC com subsídios para a elaboração das Diretrizes Curriculares Nacionais Específicas da Educação Básica,

A criança é um sujeito social e cultural, constituindo-se subjetivamente nas relações com adultos e outras crianças. Nesta perspectiva, as Propostas Pedagógicas de Educação Infantil devem assegurar a qualidade das relações dos adultos com as crianças, das crianças entre si e delas com a cultura. Ao invés de uma concepção instrumental e instrucional do conhecimento e de uma criança vista como aluno, as instituições de Educação Infantil devem considerar as crianças como crianças, reconhecendo sua experiência ética e estética, valorizando a ação crítica, criadora, a narrativa e a produção de sentidos” (BRASIL, 1996, p. 31).

2.2 Acolhendo os responsáveis

Crianças, educadores e pais, cada um com suas experiências, vivências e conflitos, chegam à creche, muitas vezes desconhecendo as regras e combinados que fazem com que a instituição funcione de forma a atender as demandas de todos, tais como: horários de entrada e saída, objetos pessoais necessários à permanência das crianças na creche, entre outros.

Mesmo após terem passado alguns meses desde o início do ano letivo, observo que muitas crianças, na hora da entrada, ainda choram para não largarem o colo e irem para o chão, despertando a desconfiança dos responsáveis. Vem à tona o pensamento de que o filho pode não estar tendo um tratamento adequado por determinada educadora que recebe a criança.

Nesta hora, compreendo que o responsável poderá ouvir as explicações da educadora sobre os horários e regras que são seguidas na instituição e que a educadora, para a criança, representa o cumprimento dessas regras. Nesse contexto, a criança, ao perceber que em casa não existem as mesmas regras, se nega a descer do colo. Com delicadeza, a educadora deverá acolher o responsável que se sente fragilizado em relação aos cuidados com o filho.

Ainda no momento da entrada, há aqueles pais que ficam com a criança no colo, sem saber o que fazer: se se despedem ou se deixam a criança chorando e desorientada. Nesta passagem, Solé (2009) diz que

é preciso explicar às mães e pais (na reunião de início de curso), os objetivos educativos desse momento e dar a eles algumas estratégias de atuação, para a situação ficar mais fácil para todos, o que ajuda a criar segurança para a criança. Quando se percebe que isso se torna difícil para a família é preciso conversar com seus membros e ajuda-los a sentirem-se mais cômodos na escola, especialmente se vemos que isso provoca desconcerto ou agonia na criança. (SOLÉ, 2009, p. 103).

Em contrapartida, existem aqueles responsáveis que depositam total confiança nas educadoras, deixando seus filhos e vão embora tranquilos, certos de que estão com pessoas capacitadas para cuidar e educar.

Outra situação em que são envolvidos pais e educadores se dá, quando há queixas por parte dos pais: a criança não se alimenta, não dorme sozinha ou faz “birra” em casa e na creche tem um comportamento totalmente diferente.

Passei por uma experiência parecida, com um pai presente em todos os momentos e aparentemente amoroso com sua filha. Quando relatei que ela tomava leite na creche, ele duvidou, dizendo que eu estava “brincando” e que queria saber a marca do leite para poder comprar para a filha. De fato, ela tomava o leite na creche, mas ele custou a acreditar.

Analiso esta passagem refletindo que o acolhimento não deve ser feito só com as crianças, mas também com os pais. Eles poderiam ser inseridos em dinâmicas na creche, a fim de serem informados sobre a rotina, as práticas pedagógicas e para esclarecer suas dúvidas e ouvir seus anseios.

2.3 Estabelecendo o vínculo

Um ponto muito importante, que também observo, é o fato de que algumas crianças chamam as educadoras de “mãe” durante sua permanência na creche, confundindo os cuidados. A meu ver, este é um papel que não cabe à educadora, pois suas funções são diferentes, com outro olhar e outro foco, por esse motivo, acredito que não se deve confundir a educadora com a mãe.

Nesse contexto, Mahler (1986) diz que a criança tem a necessidade absoluta da mãe. Nesta fase de adaptação, é comum que a criança eleja um responsável para compartilhar suas emoções, trazendo a mãe, a todo momento, para o convívio institucional. Qualquer que seja a sua idade, a separação pode trazer a sensação de abandono ou rejeição. O afastamento pode fazer com que ela seja totalmente dependente. Por isso, a construção de vínculo com todos os envolvidos nesse processo, no que se refere aos aspectos do desenvolvimento relacional, cognitivo e emocional, é importante. Cabe ao educador orientar e instigar a criança para o conhecimento.

Em alguns casos, percebo que muitas crianças não querem se afastar da mãe ou da pessoa que a trouxe, escondendo-se e chorando. Outras vezes poderá se aproximar de outros colegas, porém não participa das atividades planejadas para aquela situação de desconforto. No entanto, as reações podem ser imprevisíveis, umas tentam agredir os colegas, algumas choram pelos cantos e outras tentam rasgar materiais ou simplesmente ficam explorando o espaço.

Reflito sobre suas ações e percebo que elas não tem o controle de suas emoções e, diante de situações como estas, devemos contê-las emocionalmente, conversando sobre o que as aflige. Elas estão experimentando sensações e construindo suas aprendizagens.

Dos dezenove aos vinte e quatro meses, na fase chamada por Mahler (1986) de reaproximação, a autora diz que a criança adquire comportamento diferenciado diante da ausência da mãe, como agressividade e inquietação, que podem ser vistas como uma percepção de tristeza pela ausência da mãe. Elas podem ter acessos de raiva e fazer birras, caracterizando-se como a fase do negativismo (MAHLER, 1986, pág.118).

A tristeza, no entanto, requer uma quantidade muito grande de força por parte do ego para ser tolerada, energia que a criança, nesta idade, parece incapaz de reunir. A hiperatividade ou a inquietação podem então, nesse caso, ser vistas como uma primeira atividade defensiva contra a percepção do afeto doloroso que é a tristeza. À medida que a subfase de reaproximação progride, a criança encontra maneiras mais ativas de tolerar a ausência da mãe, passando a se relacionar com adultos substitutos e a se entregar ao jogo simbólico.

Mantovani (1998), refere-se à experiência educativa de Reggio Emilia para ressaltar que:

A criança é capaz de reconhecer pessoas diferentes e de distinguir e recordar alguns de seus estilos comunicativos através de hábitos comuns e de rituais, que se criam em geral nos assim chamados momentos de rotina (refeição, troca de fraldas, preparação para dormir), quando é mais intensa a intimidade o relacionamento é individualizado e a participação é recíproca. Vemos portanto que reconhecimento - atenção, memória, expectativa do jogo, sinais comunicativos - e emotividade são nesta fase indissoluvelmente ligados. Se a criança é capaz de reconhecer e de antecipar o comportamento de vários adultos, podemos considerá-los cognitivamente e emotivamente significativos e, portanto, capazes de estabelecer um relacionamento com a criança, válido também na ausência da figura de referencia privilegiada. (p.177).

O papel da mãe (objeto libidinal) é muito importante, pois uma vez que a criança tenha a imagem da mãe internalizada, ela poderá se tornar mais independente longe de sua presença.

Nas palavras de Winnicott, a mãe suficientemente boa (não necessariamente a mãe do bebê) é aquela que efetua uma adaptação ativa às necessidades do bebê, uma adaptação que diminui gradativamente, segundo a grande capacidade deste em aquilatar o fracasso da adaptação e em tolerar os resultados da frustração (WINNICOTT, 1975, p. 25). A mãe suficientemente boa não é aquela que está sempre pronta a realizar os desejos da criança deliberadamente e sim aquela que cria condições para que ela se desenvolva, determinada pelo meio, um grau de maturidade da criança, fazendo com que cresça independente.

Apresento aqui o relato de Paola, mãe de Pedro e Paulo, gêmeos e prematuros, que, devido à necessidade de retornar ao trabalho, vivenciou o conflito de matriculá-los na creche, mesmo tendo receio sobre como seria a adaptação deles e seu desenvolvimento. Ao longo do ano, Paola relatou que os gêmeos, ao acordarem, correm para pegar a mochila, deixando claro o desejo de ir para a creche.

Segue o relato da mãe:

Paola Bernardo: *Antes de ter os meninos, sempre levantei a "bandeira" das crianças irem pra creche, tendo em vista o desenvolvimento, mas depois que fui mãe, o pensamento é um pouco diferente. Continuo com a bandeira da creche, porém com o medo deles não conseguirem se expressar e passar por alguma necessidade e dificuldade. Medo da adaptação ao novo local, às novas pessoas, medo das próprias pessoas, apesar de conhecer a creche e as pessoas que trabalham nela. Hoje, alguns medos foram superados e deram lugar a alguns cuidados. Exemplos: Será que beberam água o suficiente? Será que a alimentação está sendo balanceada? Será que estão oferecendo alimentos com açúcar demais? O desenvolvimento está no tempo certo? Contudo, nada psicótico, consigo viver normalmente.*

Voltei a trabalhar exatamente com quatro meses, pois tive que adiantar as minhas férias para ficar em casa de repouso, pois estava com risco de ter parto prematuro, acabou acontecendo, os meninos nasceram de 33 semanas e 6 dias, no entanto nasceram muito bem, de parto normal, graças a Deus. A volta ao trabalho não foi tão sentida, porque eles ficaram com o pai, já não mamavam no peito, então foi relativamente tranquila. Quando decidimos que era hora de colocar na creche, tivemos dúvidas em qual creche colocar. Cogitei a possibilidade de colocar em uma particular, porém ficou totalmente fora do orçamento e então outra dúvida surgiu,

qual creche colocar (Cruz ou Chácara). Não sabia em qual colocar, pois o Enzo passou pelas duas e não teve problema. Fiz a inscrição nas duas e decidi deixá-los aqui.

A minha reação com a separação foi tranquila, porque a reação deles foi melhor do que esperava, então ajudou bastante. O suporte de vocês, educadoras, nessa fase é extremamente importante, pois colocamos o nossa confiança e é um período delicado, tanto para a criança e bem mais para os pais.

Ah, lembrei outro ponto que fiquei muito preocupada, no início, foi deles ficarem doentes, pois sabemos que a imunidade baixa e vem as doenças. Inclusive, quando eles tiveram a pneumonia, eu fiquei com muito medo deles voltarem. Por mim, não voltariam, mas o meu marido me convenceu. Bom, eu tentei falar de uma forma geral, sobre a adaptação nossa (minha e do pai) e deles. Obrigada pela atenção de vocês com meus filhos.

A minha reação com a separação foi tranquila porque a reação deles foi melhor do que esperava, então ajudou bastante. O suporte de vocês, educadoras, nessa fase é extremamente importante, pois colocamos o nossa confiança e é um período delicado, tanto para a criança e bem mais para os pais (BERNARDO, Paola. Rio de Janeiro, 13/9/2017).

2.4 Desafios da Transição

Percebo que para alguns pais, a creche é um espaço onde a criança só brinca, se alimenta e realiza sua higiene. No entanto, a creche é um lugar onde a criança se desenvolve, socializa e troca experiência com outras crianças, construindo o seu aprendizado. Nos subsídios para as Diretrizes Curriculares Nacionais Específicas da Educação Básica, adverte-se que:

O ingresso da criança numa instituição de Educação Infantil é um momento marcado por expectativas e tensões, tanto por parte da criança e de sua família, quanto dos profissionais que as acolhem nas instituições. Nesse sentido, é dever da instituição planejar e efetivar o acolhimento das crianças e de suas famílias quando do ingresso na instituição, considerando a necessária adaptação, tanto da instituição quanto das crianças e seus responsáveis, às novas rotinas e relacionamentos que têm lugar naquele espaço. (BRASIL, p. 40)

O professor como mediador pode oferecer e proporcionar à criança estímulos, ocasiões de aprendizagens, espaços e materiais assim como impulsos para sua autonomia.

3 AÇÕES FACILITADORAS DO ACOLHIMENTO

Na fase de separação, em que as crianças demonstram fragilidade, o planejamento feito pelos educadores deve ter uma flexibilidade maior de horários, sem a rigidez da rotina. Por se tratar de uma fase excepcional, as crianças precisam de um momento mais livre entre si e com os educadores (sem ser espontaneísta). Afinal, são pessoas novas que farão parte de sua vida cotidiana na creche.

Inicialmente este período é marcado pela separação propriamente dita do bebê, principalmente com a mãe. É durante essa subfase de separação-individuação que todos os bebês dão seus primeiros passos hesitantes em direção à libertação, num sentido corporal, de sua, até então, completamente passiva condição de bebê de colo o estágio de unidade dual com a mãe (MAHLER, 1986, p. 75).

A acolhida é um momento muito oportuno para que nós, educadores, através da observação e do diálogo, possamos fazer um reconhecimento tornando-nos um fator primordial nesse primeiro contato com a criança e com os pais. Estes também demonstram fragilidade e desconfiança ao deixarem seus filhos com pessoas desconhecidas, em um ambiente que contém objetos diferentes e atraentes, onde tudo é novo e grandioso, com regras de comportamento e hábitos até então não experimentados. Nesse momento, parece-me oportuno uma reunião de pais para tratar desses temas, na tentativa de se fazer um primeiro diagnóstico comportamental da criança, a fim de aprofundar os conhecimentos sobre cada uma. Os pais são os principais interessados no bem estar da criança na instituição, sendo assim:

A reunião de pais é o momento determinado para essa interação, troca, diálogo e não meramente uma “data que cai do céu”, para avisos administrativos ou más notícias sobre os filhos. Ela é o momento que colocamos temas significativos que envolvem tanto a nós professores, na relação com nossos alunos, quanto os pais na relação com seus filhos. temas como limite, rotina, agressividade, sexualidade, etc., que fazem a partir do nosso dia a dia, devem ser devolvidos como ponto da pauta da reunião em que pais e professores se coloquem em seus desafios, podendo em muitas situações, a escola lançar luzes para o entendimento de sua importância enquanto educadores, na relação com os filhos (FREIRE, 2008, p. 146).

3.1 Mecanismos para amenizar o desconforto da adaptação

A ausência da mãe pode gerar inquietação crescente (ao contrário da subfase de treinamento), sendo vista como uma defesa, quando se percebe a ausência da mãe. É a fase do negativismo e dos acessos de raiva e birra, quando quer algo, julga-se poderosa, mas não sustenta seus desejos por não suportar a ausência da

mãe. A consequência pode ser o choro ou a busca pelo objeto transicional. Nesta fase, a compreensão da mãe ajuda a criança a superar seus medos.

Mahler diz que o padrão preferido pela mãe para confortar ou estimular a criança é assimilado por esta à sua própria maneira, transformando-se num padrão transicional, do qual a ação de acariciar o rosto, com certos movimentos repetitivos, é um exemplo (MAHLER, 1986, p. 75).

O objeto transicional, por outro lado, é aquele que a criança entende que lhe pertence e serve de intermediário entre o seu mundo interno e externo, trazendo referências entre esses dois mundos. É ela que decide quando o quer e quando não. Geralmente, ela o procura, quando se vê em uma situação de conflito, apertando, amassando e passando no rosto, provavelmente, lembrando-se do toque do rosto ou do seio da mãe, ficando mais calma e menos ansiosa com a mudança.

Segundo Winnicott (1975), não é o objeto, naturalmente, que é transicional. Ele representa a transição do bebê de um estado em que ele está fundido com a mãe para um estado em que ele está em relação com ela como algo externo e separado (WINNICOTT, 1975, p. 30).

Portanto, neste primeiro contato com as crianças novas na creche, acredito que uma das iniciativas para que a acolhida aconteça de forma menos traumática para elas seja criar condições para amenizar a ansiedade. Caso haja irmãos mais velhos na mesma instituição, por exemplo, eles poderiam ficar juntos, ajudando os menores a se adaptarem. Oportuno também, nesse processo, seria convidar os responsáveis para conversar e se inteirar que crianças fazem uso de objetos que gostam e acalmam: brinquedo, travesseiro ou qualquer outro objeto que as remeta à casa ou à mãe. Medidas simples, mas necessárias.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do ano de 2017, observei atentamente o comportamento dos responsáveis das crianças da instituição onde trabalho, das próprias crianças e dos educadores, tendo os instrumentos metodológicos como ferramentas de investigação. Percebi as mudanças que ocorreram desde o início do ano até agora. O pressuposto era que todas as crianças se adequariam à rotina e criariam vínculos com os indivíduos envolvidos no seu cotidiano, porém, para que esse processo ocorra como o esperado, é preciso entender que tudo tem o seu momento certo e que algumas questões dependem também do modo como nos envolvemos ou nos dedicamos para que isso ocorra.

Alguns dos fatores que favorecem uma boa adaptação são: a acolhida e o vínculo e que fazem parte do início desse processo. Para alguns pode ser mais doloroso e para outros passar sem maiores problemas. É preciso entender cada criança em sua singularidade. Cada uma tem o seu processo de maturação, que a faz suportar de forma diferenciada a separação e o distanciamento de sua mãe ou daquele que é responsável por ela. Todas passam por uma desconstrução que se dá a cada dia, em um ambiente que para ela é estranho e com pessoas desconhecidas.

É muito importante, portanto, a forma como se dá o acolhimento pela instituição e pelo educador. Estabelecer o vínculo é fundamental para se construir uma relação de confiança e afeto, proporcionando o desenvolvimento físico, emocional, cognitivo, corporal, linguístico e sócio cultural e tornando esse aprendizado significativo.

De acordo com as Diretrizes e Bases da educação Nacional específicas para a Educação Infantil, a medida que a criança é compreendida como ser ativo, crítico, criador de cultura, é importante considerar seu movimento de construção de significados nas brincadeiras, gestos e palavras que se expõem nas relações entre os pares e com os adultos. Ganhar estatuto de sujeito significa ser reconhecida em seus direitos e modos de expressão, autora, participante da sociedade, cidadã de pouca idade (BRASIL, 2009, p. 33).

Após passado o período mais crítico da adaptação, percebo que a turma observada se mantém em uma homogeneidade. Embora o grupo se modifique a cada nova experiência, o vínculo entre as crianças e os educadores foi firmado. A

entrega à escuta fez com que a comunicação e a interação tenham se estabelecido, permitindo que os medos e a ansiedade fossem trabalhados.

Conforme as aprendizagens que absorvi durante esses anos no ISEPS, para que isso aconteça, o educador deve ter sempre um olhar sensível, investigador e provocador, na tentativa de fazer com que a criança saia da sua posição de conforto e interaja, trocando saberes.

REFERÊNCIAS

BASSEDAS, E.; HUGUET, T.; SOLÈ, I. **Aprender e ensinar na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

BONDIOLI, A.; MANTOVANI, Suzana. **Manual da educação infantil de 0 a 3 anos**. 9. ed. Rio de Janeiro: Artmed, 1998.

BRASIL. **Lei no 9.394/96**. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário Oficial da União. Brasília, 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/subsidios_dcn.pdf>. Acesso em: 01 out. 2017.

MAHLER, M. S. **O nascimento psicológico da criança**: simbiose e individuação. Rio de Janeiro, Zahar, 1986.

FREIRE. M. **Educador**: educa a dor. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

WINNICOT. D. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.